

Idoso e Educação Sexual: A sexualidade na Sala de Aula

Arnaldo Risman



A sociedade aceitar a existência do desejo sexual no grupo da terceira idade é difícil. Acreditar que os idosos possuem relações sexuais é mais difícil ainda. Mas, depois de uma reportagem que circulou num dos maiores jornais do Rio de Janeiro “O GLOBO” no final de mês de outubro de 1996, na qual o foco era a existência de relatos dos desejos sexuais dos homens e mulheres na terceira idade, não pudemos mais continuar a acreditar que o único grupo social que precisava de orientação e informação sexual para o esclarecimento era o adolescente.

Possuímos ações de organizações governamentais ou não governamentais que atuam com crianças sem informações. E onde estão os trabalhos com os acima

de 60 anos? Será que é necessário o aumento do número de DSTs e soros positivos entre os idosos para que nós possamos olhar para eles e acreditar que fazem sexo? Será necessária a doença para haver ação? Espero sinceramente que não... E posso acreditar neste sentimento, pois atuei diretamente na informação sobre sexualidade no grupo de mais de 60 anos durante 12 anos na Universidade Aberta da Terceira Idade da UERJ.

Em dezembro de 1993 fui convidado para implantar um projeto de educação sexual para o grupo de idosos na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) no núcleo da Universidade Aberta da Terceira Idade que, aprovado pela gerência de ensino, teve início em março de 1994.

Parece algo comum para os nossos dias, mas naquele período não havia nenhum trabalho consistente que pudesse orientar-me nesta nova trajetória no campo da educação sexual.

Quando, em março de 1994, entrei na sala de aula da UERJ tive a sensação de estar num mundo que sempre desejei, e que por meio do meu conhecimento poderia informar um grupo que não teve a oportunidade de construir um espaço de reflexão sobre o assunto que a sociedade, até hoje,

possui dificuldade de assumir como ponto importante para uma melhoria na qualidade de vida do ser humano – a sexualidade.

A turma estava cheia e curiosa em saber como seria a dinâmica da aula. Nem sabia o que estava me esperando, pois ao iniciar a minha aula inaugural tive uma surpresa que contarei para vocês daqui a pouco.

O projeto inicial seguia plano de curso baseado em fatores que acreditei serem importantes para terceira idade, e também para o meu preconceito, ou seja, doenças; remédios; e modificações da sexualidade pelo processo do envelhecimento.

Onde estava o conhecimento sobre autoestima? Afeto? Amor? Paixão? Histórias? Pelo meu preconceito não pude colocá-los em meu projeto. Acreditei que estes itens não fossem importantes para uma análise acadêmica.

No momento em que a turma verificou que as aulas seriam baseadas em fatores de mudanças frente a doenças e remédios, as palavras de uma aluna, que me deixaram na hora desconcertado, me abriram para o mundo do saber. Estas palavras foram “obra prima” para vários artigos que escrevi e, de uma forma mais direta, de um aprendizado de meus 10 anos de vida com a terceira idade.

Uma aluna de 72 anos diz: “Nós tivemos uma educação reprimida frente aos pais, depois ao marido, depois tivemos que cuidar dos filhos e até hoje dos netos, mas agora desejamos saber não somente o que sentimos frente ao envelhecimento, mas também o que não aprendemos diante da vida, ou seja, tudo que ronda a sexualidade de um ser humano. Professor, faça seu papel de ensinar, orientar e assim podemos saber o que o nosso corpo deixou de sentir frente ao preconceito e a repressão que tivemos”.

Depois dessa manifestação tive que modificar meu projeto, e também a minha percepção frente ao idoso que estava se apresentando naquele momento. Sempre acreditei que era no mundo que aprendíamos, e diante dessa aluna esta crença tornou-se mais forte em minha formação como ser humano e profissional.

Durante um semestre tive em minhas aulas contato com desejos dos idosos, e pude refazer meu projeto de aula no ano de 1994 na UNATI/UERJ.

Saber realizar um projeto nem sempre é saber escrever o que se pensa, e sim saber o que o outro deseja aprender. Diante de minha filosofia da nova percepção comecei a escrever meus passos para um novo trabalho com a terceira idade, ou seja, escutá-los.

Resolvi reunir durante os primeiros encontros o grupo de alunos e conhecê-los, para poder escrever o meu projeto. Anotei todas as minhas observações e descobri que estava diante de um grupo de vasta experiência na vida sexual ativa, mas sem conhecimento do seu próprio corpo. Percebi também que estes

eram na verdade os orientadores de seus filhos. Aí veio a primeira questão: Como pode um orientador sem conhecimento? O que se pode orientar?

Perguntas sem respostas... Respostas sem comprovações... Que bagunça que eu estava arrumando para minha vida! Mas como faço do desconhecido uma forma de descobrir, resolvi assumir minha área da pesquisa e iniciei minha escuta e meu segundo projeto que se transformou na minha dissertação de mestrado em sexologia.

Como minhas informações eram oriundas das observações realizadas em aula, e relatadas em público pelos próprios alunos, resolvi escutar uma amostra maior, em particular, seguindo um questionário de perguntas abertas e fechadas.

Como todos podem perceber já possuía, neste momento, dois projetos: o primeiro relacionado a conhecer a questão da sexualidade do público (alunos da instituição) e o segundo de planejar um conteúdo programático para formar um programa de *"informação sexual para terceira idade"* e como não sou muito de ficar parado iniciei logo meu trajeto de pesquisador.

Como minha locação estava na área de ensino no núcleo da terceira idade, encaminhei meu interesse à gerência de ensino que poderia me dar autorização para uma pesquisa nesta área. Imediatamente foi aprovado e iniciei o meu caminho.

No primeiro momento tive o cuidado de procurar na bibliografia existente um embasamento teórico para orientar-me neste trajeto. Não encontrei muita coisa, pois a existência de material sobre sexualidade e terceira idade era voltada a um estilo de comportamento sexual e não uma pesquisa de campo na área do ensino e da educação.

O caminho foi difícil para um iniciante, mas resolvi colocar conteúdos relacionados a uma pós-graduação que realizei, em 1993, na Universidade Gama Filho (UGF), na qual tive a formação direta e objetiva de grande embasamento teórico no campo da sexologia.

Iniciei um projeto feito por unidades de conteúdos, desde a História da Sexualidade até as modificações que ocorrem naturalmente com o processo do envelhecimento. Para que o leitor tenha ideia do cronograma do curso, colocarei abaixo o conteúdo programático que utilizei durante meu caminho com os idosos.

Conteúdo Programático

I-História da Sexualidade	II- Anatomia e Fisiologia	III- Aspectos Psicológicos na Sexualidade	IV- Educação Sexual
1 - A Sexualidade dos Povos Primitivos 2 - Grécia Antiga 3 - Roma Antiga	1-Aparelho Genital Masculino 2 - Aparelho Genital Feminino 3 – Funcionamento e Conceitos de Mudanças	1- Diálogo: Novas relações 2- Amores, Paixão, Família e	1- Agentes Multiplicadores 2- Projetos e Ações

4- Idade Média 5- Séculos XVII, XVIII, XIX e XX	4- Medicina Sexual: Aspectos da Mulher e do Homem 5- Disfunções sexuais e tratamento 6- Parafilia 7- DST/s e AIDS 8- Medicação e contra indicação	Relacionamentos. 3- Encontros e Desencontros nas Relações Afetivas 4- Orientação Sexual	
---	--	--	--

Diante do novo projeto iniciamos os encontros, realizados uma vez por semana com duração de 3 horas, para que pudéssemos atuar de forma simples, utilizando a linguagem dos alunos, e poder esclarecer todas as dúvidas que poderiam ocorrer durante as aulas ministradas.

Alguns professores foram convidados para que os conteúdos fossem passados de forma correta, entre os quais Ginecologistas e Urologistas, especializados em Sexualidade Humana.

Falar hoje em sexualidade humana é bem mais fácil que em 1994 quando ainda não se possuía uma visão aberta para a sexualidade do idoso. A Unati/UERJ foi pioneira em permitir a realização de um trabalho com a abertura plena de um tema “tabu”, social e cultural, em nossa sociedade. Até então, o ponto central sempre havia sido de atenção na fase da adolescência e na idade reprodutiva.

O conteúdo das aulas foi se modificando no decorrer do projeto tentando sempre alcançar as necessidades dos alunos; realizando, assim, alterações significantes neste período de ação da informação, educação, reflexão e orientação aos idosos matriculados.

No início do projeto existia um grupo significativo de idosos que não tinham coragem de realizar a matrícula oficial para o curso de sexualidade humana. Estes tinham aulas ou, simplesmente, tiravam dúvidas constantes nos corredores da unidade da UNATI, em relação aos fatores relacionados às suas intimidades com seus namorados e namoradas, como por exemplo: como colocar uma camisinha; dificuldades de ereção; de lubrificação; traição de seus companheiros, entre outros assuntos que surgiam em suas vidas cotidianas.

Aprendi, durante os anos como professor da Unati, que não existe dúvida típica de idosos ou jovens. Todas as questões levantadas em sala de aula ou nos corredores da instituição pertenciam aos seres humanos que não tiveram a oportunidade de descobrir seus corpos, e das reações ligadas a sexualidade.

Esta constatação se deu na construção de minha formação, por ser também professor universitário de graduação, pós-graduação e consultor da coluna de sexualidade no jornal de grande circulação na cidade do Rio de Janeiro, na

qual as perguntas, dúvidas e questionamentos eram parecidas entre as idades dos alunos e leitores.

Durante o primeiro ano do curso só realizamos encontros, que tinham duração de quatro meses, mas depois construímos um grupo somente sobre sexualidade e reflexão do comportamento sexual. Este novo trabalho - que teve início em 1995 - não fez com que o curso semestral terminasse e, sim, foi uma forma de oferecer aos idosos a continuidade de um espaço especial, no qual o tema era debatido por meio de filmes, textos e artigos recentes que eles escolhiam para serem vistos e lidos durante os encontros semanais.

A demanda de assuntos, a abertura que foi criada entre os idosos e a facilidade de falar de sexualidade criou uma espera e busca mais detalhada para o exercício da sexualidade de alguns alunos. Percebi que a existência de um espaço para atendimento individual se fazia necessário, para que pudessemos atuar clinicamente.

A Unati / UERJ possuía um ambulatório geral voltado aos idosos e, com autorização necessária da direção clínica, comecei a atuar num espaço indicado e próprio, inicialmente com pouca procura, mas que foi crescendo paulatinamente.

Assim, atuava na área de educação, orientação e clínica. Percebendo o crescimento da experiência, e possuindo artigos publicados pela instituição, resolvi realizar a dissertação de mestrado em sexologia com a população presente na Universidade da Terceira Idade.

O objetivo da dissertação foi dar voz participativa aos idosos, até então calados em nossa sociedade, na qual o preconceito, ainda sendo forte, prejudicava o exercício da “fala afetiva” neste grupo de idade mais avançada.

Em 1996, com 128 entrevistas, e um levantamento histórico do preconceito sobre exercício da sexualidade na terceira idade, a dissertação foi defendida, e como não poderia ser diferente o sucesso foi grande nos meios de comunicação, pois abordava o tema do exercício da sexualidade e afetividade do grupo da terceira idade.

Outras pesquisas foram construídas e realizadas, até mesmo fora do Brasil, especificamente em Cuba/Havana onde tive a oportunidade, em 1997, de realizar um intercâmbio atuando de forma direta no campo da sexualidade e gerontologia. Tendo como Tutor o médico cubano Dr. Oscar Dias Noriega, que pertencia à época ao Centro Nacional de Educação Sexual de Cuba e atuava no campo dos idosos do País.

Foram 20 dias verificando, atuando, ministrando aulas e palestras em diferentes lugares, o que me deixava muito feliz por perceber que, independentemente de toda dificuldade existente no campo da economia, a produção não era pequena nem preconceituosa na troca de conhecimento

entre os idosos e profissionais e, principalmente, com estrangeiros como eu que estava ali para aprender e trocar experiências.

Até hoje agradeço ao Dr. Oscar Dias Noriega a oportunidade de construir em minha formação a arte de criar possibilidades de cuidar de alguém sem muitos recursos físicos e financeiros, mas necessitando somente do conhecimento atualizado e afeto.

Este depoimento de agradecimento e do meu aprendizado foi vivenciado assim que cheguei ao Brasil quando fui atuar no CIPI (Centro Integrado e Pesquisa do Idoso) - policlínica que foi aberta pela UERJ, num antigo posto de saúde na região perto da Universidade. Na época o objetivo era formar um centro de tratamento para idosos.

Um espaço simples, como um posto de saúde igual a qualquer lugar do Brasil: ambulatórios, médicos, assistente social, enfermeiros e psicólogos. Depois de alguns meses trabalhando clinicamente com os idosos, o diretor do posto de saúde mandou me chamar para uma reunião em seu gabinete. Em sua sala estavam duas planilhas de atendimento psicológico, ou seja, a minha e de outra psicóloga. Neste momento, o diretor me perguntou: Por que o seu número de atendimentos é significativamente maior que o da outra profissional? Fiquei sem saber o que responder de imediato, mas o que veio em mente foi a carga horária existente que poderia ser diferente entre os psicólogos do CIPI.

Ao ser questionado, novamente, comentei que poderia estar acontecendo uma busca maior pelo meu nome, pois tinha uma nova metodologia de atendimento que aprendi na viagem que realizei a Cuba que era, na verdade, uma forma de atendimento mais humanizado onde o profissional iniciava seu atendimento ao chamar seu paciente na sala de espera e levá-lo até a sala de atendimento.

No espaço de atendimento não colocava a mesa de forma a separar o psicólogo do paciente, e sim colocá-lo ao seu lado, para que a distância ou soberania não fosse reforçada no momento da consulta.

O diretor do posto de saúde ficou satisfeito e mandou continuar com este tipo de conduta e abordagem aos pacientes, pois estava havendo um movimento positivo para a instituição, não pelo aumento do número de idosos buscando ajuda psicológica, mas, principalmente, pela melhora dos pacientes, e a diminuição da ida do idoso repetidamente ao posto de saúde por queixas relacionadas à verdadeira doença: a solidão.

O trabalho da educação sexual não se restringiu a uma sala de aula, mas também durante todo o processo, acima relatado, modificando e reestruturando os locais e focos de atendimento.

Não podemos deixar que o profissional se coloque numa posição diferente à necessidade do atendimento, ou seja, somente clínico no campo da sexualidade, pois a educação também se apresenta no consultório. Claro que a

demanda poderá ser diferente, mas somente por algumas queixas diferenciadas, pois, constantemente, as demandas são atreladas à sexualidade do ser humano, cheios de dúvidas e preconceitos, numa cultura de controvérsias e dificuldades de lidar com a sexualidade humana.

Acredito que diante desse pequeno e dinâmico relato pude contribuir de forma a acentuar a curiosidade de como atuar no campo da gerontologia e sexologia com uma visão de não doença e sim com o desejo constante de um dia ver e constatar que a sexualidade é uma energia que só termina quando o coração para de funcionar.

O aprendizado com os idosos deixou uma herança marcante em minha trajetória profissional, que espero levar para sempre em minhas pesquisas, palestras e relações afetivas: “Tudo na vida é o jeito e o tom da fala”, no resto já sabe o caminho que devemos percorrer durante a nossa existência.

Referências

- BEAUVOIR, Simone de. *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- MIER, Miguel A. V. “La depresion en la tercera edad”. Cuba: *Revista do Hospital Psiquiatrico Havana*: 173-183 1988.
- NAHOUM, J. C. e SIMÕES, P. M. “Climatério e senilidade”. *Femina*. 15, 1987.
- NETTO, A. J. , SILVA, M. M. T. “Velho, velhice: a nova semântica manifestada por diferentes grupos sociais na cidade de São Paulo”. *Revista Gerontologia* 2 (4): 183,187, 1994.
- RISMAN, Arnaldo. *A carruagem da Saudade: Seremos todos Passageiros? O Percurso da Sexualidade na Terceira Idade*. Dissertação de Mestrado. UGF 1996.
- RISMAN, Arnaldo. “Atividade Sexual na terceira idade” In Veras, R. (org.) *Terceira Idade: um envelhecimento digno para o cidadão do futuro*. Rio de Janeiro: Relume Dumará. 1995.
- RISMAN, Arnaldo. “Sexualidade”. In. Veras, R. (org) *Terceira Idade: alternativas para uma sociedade em transição*. Rio de Janeiro: Relume Dumará. 1999.
- VELHO, Gilberto - *Subjetividade e Sociedade - uma experiência de geração*. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

Arnaldo Risman - Psicólogo, especialista em Psicologia Clínica pelo CRP/05. Pós-graduado em sexualidade humana (UGF), Mestrado em sexologia (UGF), membro do Centro de Pesquisa do Comportamento e Sexualidade / SP (Cepcos), membro mentor do Portal do Envelhecimento. Vice-coordenador do comitê de ética e pesquisa da Universidade Severino Sombra (USS), Professor e pesquisador da Universidade Severino Sombra (USS). E-mail arnaldo_risman@hotmail.com